



ADEQUAÇÃO DE AMBIENTES PARA CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

Estéfany Melo Munari¹; Bruna Montano²; Laleska Taynã Jacinto³; Mariela Camargo Masutti⁴

Palavras-chave: Autismo. Distúrbio. Inclusão.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Atualmente denominado Transtorno do Espectro Autista (TEA), o Autismo trata-se de um distúrbio caracterizado por deficiente interação e comunicação social, engloba uma série de aspectos do desenvolvimento infantil que aparecem em maior ou menor grau. Nele, são identificados três quadros principais: o Autismo clássico, sendo aquele mais conhecido, onde há um comprometimento nas áreas de interação, comportamento e linguagem, além de relevante déficit cognitivo; o Autismo de alto funcionamento, onde os portadores conseguem se expressar por fala e são muito inteligentes, com uma média alta em comparação com a população geral e o distúrbio global do desenvolvimento, que possui características do TEA, como alteração de interação e comportamento, o qual não tem um diagnóstico fechado. No geral, a pessoa tem grande dificuldade de relacionamento por não conseguir exercer interação e entender as regras sociais. Por isso, muitas crianças com Autismo necessitam de um ambiente físico especialmente construído para estimular a interação e a aceleração do aprendizado. Adequações podem ser feitas nos ambientes, como a utilização de estratégias no ambiente social dos projetos de inclusão escolar.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Indivíduos com autismo tendem a apresentar dificuldades em processar os estímulos sensoriais externos ao corpo e do ambiente, o que pode levá-los a se distrair por vários sons, imagens, texturas, cheiros e sensações do seu entorno. Quanto mais simplificarmos o ambiente, mais fácil será para eles focarem em interações sociais e no aprendizado de novas habilidades.

Deste modo, o objetivo da presente pesquisa é analisar um espaço de brinquedoteca da cidade de Cruz Alta – RS, propondo uma adequação para inclusão de pessoas com o transtorno,

¹ Discente do curso de Arquitetura e Urbanismo, da Universidade de Cruz Alta - Unicruz, Cruz Alta, Brasil. E-mail: estefanymmunari792@outlook.com.

² Arquiteta e Urbanista, formada pela Universidade de Cruz Alta – Unicruz, Cruz Alta, Brasil. E-mail: Brunamontano1507@gmail.com.

³ Arquiteta e Urbanista, formada pela Universidade de Passo Fundo– UPF, Passo Fundo, Brasil. E-mail: Laleskajacinto9@gmail.com.

⁴ Mestre em Engenharia Civil, Docente da Universidade de Cruz Alta - Unicruz, Cruz Alta, Brasil. E-mail: marcamargo@unicruz.edu.br.



analisando os elementos do ambiente e discutindo quais mudanças deviam ser feitas para tornar o lugar acessível a qualquer criança que possa vir a ocupá-lo, sendo ela autista ou não. Quanto à metodologia, a presente investigação bibliográfica é de caráter qualitativo e foi embasada em estudos teóricos.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Independente de sua classificação psicogenética ou biológica é notório que a criança autista apresenta déficits na área social, na linguagem e comunicação e no comportamento e pensamento. (Marinho et al., 2009) Baseados em aspectos que apresentam déficits e que se mostram importantes, surgem cada vez mais pesquisadores interessados em descobrir novos métodos para atender essas crianças e lhes proporcionar uma melhor qualidade de vida.

No diagnóstico do ambiente estudado, localizado em um condomínio, deve-se levar em consideração que nele irão circular crianças com diversas personalidades, vários tipos de comportamentos e necessidades especiais, incluindo o autismo. Sabendo disso, ele deve estar preparado e acessível a todos. A brinquedoteca dispõe de um espaço pequeno, mas que pode ser trabalhado para receber autistas, pois essas escolhas podem ser feitas sem prejudicar o uso de crianças sem qualquer tipo de necessidade especial, o que deixa ainda mais amplo o termo acessibilidade.

Na análise do local já existente foram pontuados aspectos positivos e negativos. O uso da televisão para o autista não seria tão interessante, visto que no momento de brincadeira a criança precisa de foco na atividade que esta realizando, pois se dispersa com facilidade e se irrita com ruídos. O piso vinílico utilizado é uma ótima opção, dado que é de fácil manutenção. Sobre as cores utilizadas nas paredes, são boas opções por serem neutras, já nos itens como caixas de brinquedos e nichos o uso de tons diferentes e intensos pode afetar o comportamento do autista, tirando-lhe o foco das brincadeiras e chamando atenção.

Figura 1 – fotografia do ambiente estudado.



Fonte: acervo pessoal das autoras.



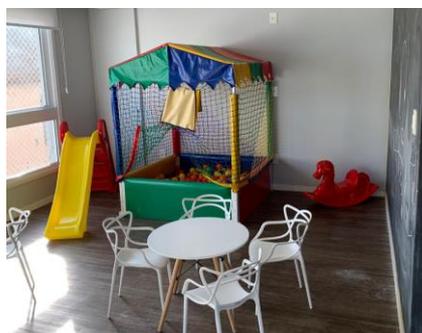
04 a 07 de nov.19



As aberturas do espaço são bem amplas o que disponibiliza grande luminosidade natural, juntamente com o uso da persiana, essenciais para regular a incidência da luz no ambiente na hora das atividades. As mesas utilizadas para desenhos e atividades manuais são pequenas, o que restringe muito a criança; já o número de mesas dispostas é um ponto positivo. O quadro negro na parede é um recurso interessante, onde a criança tem bastante espaço para realizar desenhos e interagir em atividades guiadas por adultos, trabalhando sua concentração.

A escolha dos brinquedos também é algo bem importante quando se trata de crianças autistas. Os mesmos devem ser simples, mas com a capacidade de trabalhar aspectos cognitivos, motores e a comunicação. Neste espaço a escolha foi inteligente, existem brinquedos de empilhar, montar, de boliche, almofadas de pelúcia interativas que demonstram sentimentos. Outro ponto interessante e que ajuda na comunicação das crianças é que os brinquedos não estão todos à disposição, alguns estão em lugares altos, onde é necessário que a criança se comunique e peça para alguém o brinquedo desejado. Já os brinquedos maiores que estão neste espaço, piscina de bolinha e escorregador não são tão interessantes, pois podem agitar em excesso as crianças.

Figura 2 – Fotografia de outra parte do ambiente.



Fonte: acervo pessoal das autoras.

Ademais, compreender que os comportamentos das crianças com espectro autista podem ser influenciados com interações, a mediação do adulto e, sobretudo, as particularidades de cada criança é fundamental no desenvolvimento de novas teorias a respeito. Então, após um estudo da área, levando pesquisas em consideração e atentando para teses sobre o assunto, foram pensadas diversas medidas que poderiam tornar não só esse ambiente, mas quaisquer outros acessíveis. Entre elas estão: reduzir a exposição a um possível bombardeio de estímulos a partir da escolha de um cômodo que seja mais silencioso e longe das principais atividades com TV, aparelhos de som, campainha, telefone, odores; optar por superfícies como paredes de cores neutras e livres de quadros ou cartazes, a não ser que sejam relevantes para as atividades daquele momento; pisos confortáveis e adaptáveis, fáceis de limpar, como os emborrachados



que são especialmente importantes para o trabalho com crianças pequenas; avaliar o nível de ruído e distração de itens como ventiladores e aparelhos de ar condicionado antes de instalá-los; optar pelo uso de lâmpadas de led de cores quentes; instalar prateleiras para manter os brinquedos, materiais, bebidas e alimentos em um espaço organizado com menos distrações, entre outras.

De acordo com Silva (2010), aproveitar a atenção e a iniciativa de crianças com autismo para explorar alguns objetos, e utilizar isso como via para estabelecer e manter as trocas de contato pode ser uma alternativa para enriquecer o contato social delas com outras pessoas, tanto com adultos como também com outras crianças.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em geral o ambiente estudado não está inacessível a uma criança com autismo, porém alguns ajustes deixariam o espaço muito mais agradável e seguro, podendo tornar-se um local acessível e educativo a todos os tipos de crianças. O autismo, sendo um transtorno intrigante, nos desafia a repensar nossas formas de comunicação e nos faz refletir sobre nossos conhecimentos em relação à natureza humana. Faz-se cada vez mais necessário trazer a tona discussões sobre o assunto, pesquisar e tentar compreender os limites e padrões que os rodeiam, aprendendo a enxergar o próximo com mais empatia.

REFERÊNCIAS

FIGLIARO, Olívia; LAMPREIA, Carolina. **A conexão afetiva nas intervenções desenvolvimentistas para crianças autistas**. Psicologia Ciência e Profissão, v. 32, n. 4, p. 926-941. 2012. Disponível em : <<http://www.scielo.br/pdf/pcp/v32n4/v32n4a12>>. Acesso em: 21 set. 2019.

MARINHO, Eliane AR; MERKLE, Vânia Lucia B. **Um olhar sobre o autismo e sua especificação**. IX Congresso Nacional de Educação—EDUCERE. p. 6084-6096. 2009. Disponível em: <<http://atividadeparaeducacaoespecial.com/wp-content/uploads/2015/08/UM-OLHAR-SOBRE-O-AUTISMO-E-SUAS-ESPECIFICA%C3%87%C3%95ES.pdf>>. Acesso em: 21 set. 2019.

SILVA, Emmanuelle C. C. **Autismo e troca social: contribuições de uma abordagem microgenética**. Tese (Doutorado em Psicologia Cognitiva) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2010. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/8010/1/arquivo1355_1.pdf> . Acesso em: 21 set. 2019.